

A obra de amor que consiste em recordar uma pessoa amada já falecida

Sören Kierkegaard

Quando de uma ou outra maneira tememos não conseguir manter uma visão de conjunto sobre os múltiplos e vastos aspectos de uma questão, esforçamo-nos para fazer ou adquirir um breve resumo do todo — para dele obtermos um panorama. Deste modo a morte é o resumo mais curto da vida, ou a vida reconduzida à sua forma mais breve. Por isso também sempre tem sido tão importante, para os que em verdade refletem sobre a vida humana, muitas e muitas vezes, com a ajuda dessa idéia recapituladora, colocar em questão o que compreenderam da vida. Pois nenhum pensador domina a vida do modo como o faz a morte, este pensador poderoso que não apenas consegue penetrar pelo pensamento toda e qualquer ilusão, mas ainda pode desmembrá-la e pensá-la até não sobrar mais nada. Se então tudo se torna confuso para ti, quando observas os numerosos caminhos da vida, vai então encontrar os mortos "lá para onde convergem todos os caminhos" — e aí sim facilmente terás a visão global. E se te dá vertigem de tanto veres as diferenças da vida e delas ouvires falar, sai de novo a encontrar os mortos: lá tu dominarás as diferenças: entre os "parentes no pó" toda diferença se apaga e só resta o parentesco próximo. Pois todos os homens são parentes consangüíneos e, portanto, de um único sangue, este parentesco da vida é tão freqüentemente negado na vida; mas que todos são de um mesmo pó, esse parentesco na morte, isso não se deixa negar. Sim, vai ainda uma vez ao encontro dos mortos, para desse lugar olhar a vida de frente, assim faz aliás o atirador, procura um lugar onde o inimigo não possa atingi-la, mas de onde ele pode acertá-la mirando-o com toda tranqüilidade. Não escolhas para essa visita o declínio do dia, pois a calma que se estende à tardinha sobre os mortos freqüentemente não está longe de uma certa tensão que excita e "sacia com inquietação" e que, em vez de resolver os enigmas, propõe novos. Não, vai até lá bem cedo pela manhã quando o sol matutino assoma entre as folhagens com seus jogos de luz e sombra, quando a beleza amistosa do lugar, ainda animada pelo canto dos pássaros e pela vida multiforme, quase te leva a esquecer que estás entre os mortos. Acharás então que chegaste a um país estrangeiro que permaneceu na ignorância da confusão e da fragmentação da vida, no estado infantil, composto unicamente por pequenas famílias. Aqui fora, com efeito, alcançou-se o que em vão se procurava na vida: a repartição igualitária. Cada família tem para si uma pequena parcela de terra, mais ou menos do mesmo tamanho. A vista é mais ou menos a mesma para todas elas; o sol consegue brilhar igualmente sobre todas elas; nenhum monumento se eleva tão alto que roube do que mora ao lado ou do que mora à frente o raio do sol ou a chuva refrescante ou o frescor da brisa ou o eco do canto dos pássaros. Não, aqui a repartição é igualitária. Pois na vida às vezes acontece a uma família ter de se restringir depois de ter conhecido a abundância e a prosperidade; mas na morte, todos já tiveram que se limitar. Pode haver uma pequena diferença, uma vara, talvez, na extensão do lote; ou uma das famílias talvez possua uma árvore que o outro morador não tem no seu lote. E por que esta diferença, o que tu achas? Ela está aí para, numa profunda troça, lembrar-te por sua insignificância o quão grande ela um dia já foi. A morte é tão amorosa! Pois é justamente caridade, da parte da morte, que ela por meio dessa pequena diferença em gracejo sublime relembre a grande diferença. A morte não diz: "Não há nenhuma diferença"; ela diz: "Aqui podes ver o que era esta diferença: uma meia vara." Caso não houvesse essa pequena diferença então a quintessência da morte não seria inteiramente confiável. Assim a vida retoma, na morte, à infantilidade. Nos tempos da infância, a grande diferença consistia em que um possuía uma árvore, uma flor, uma pedra. E tal diferença era uma indicação daquilo que na vida haveria de se mostrar de acordo com um padrão bem diferente. Agora, a vida já passou, e entre os mortos restou uma pequena indicação

da diferença, como uma recordação, suavizada num gracejo, de como era antes.

Vê só, aqui fora é o lugar para meditar sobre a vida; para, com a ajuda desta breve quintessência que abrevia toda a prolixidade das relações complicadas, alcançar a visão de conjunto. Como poderia eu, em um escrito sobre o amor, deixar passar, sem aproveitar, essa oportunidade de examinar afinal em que consiste propriamente o amor? Na verdade, se quiseres ter certeza sobre o amor que existe em ti ou em outra pessoa, então presta atenção para a forma com que ela se comporta para com um falecido. Quando se quer observar uma pessoa, é importante para o sucesso da observação que se veja a pessoa que está na relação, porém olhando-se exclusivamente para ela. Quando então uma pessoa real se relaciona com uma outra pessoa real, são então duas, a relação é composta, e a observação sobre apenas uma delas fica dificultada. Pois essa outra pessoa esconde algo sobre a primeira pessoa, e além disso a segunda pessoa pode afinal influenciar muito para que a primeira se mostre de maneira diferente da que é. Uma dupla operação é necessária nesse caso; a observação deve levar em conta particularmente a influência exercida pela personalidade, pelas qualidades, pelas virtudes e pelos defeitos dessa pessoas sobre aquela que é o objeto da observação. Se tu pudesses realmente ver um homem lutar na maior seriedade com o vento, ou se conseguisses fazer um dançarino executar sozinho a dança que ele habitualmente executa com uma parceira, tu poderias então observar seus movimentos nas melhores condições, bem melhores do que quando o primeiro combate com um outro lutador de verdade, ou se o segundo dançasse com uma outra pessoa de verdade. E se tu compreendes a arte de, num diálogo com alguém, te transformares em "ninguém", tu então tens todas as chances de te instruíres sobre o que reside nessa pessoa. Oh, mas quando um ser humano se relaciona com um falecido, então nessa relação só há uma pessoa, pois um morto não é nenhuma realidade efetiva; e ninguém, ninguém pode tão bem quanto um morto reduzir-se a ser "ninguém", pois ele é "ninguém". Aqui a observação não pode falhar; aqui o que está vivo se torna manifesto; aqui, este tem de se mostrar completamente como ele é; pois um defunto, este sim que é um homem ardiloso, ele se retirou completamente, ele assim não exerce a mínima influência capaz de perturbar ou auxiliar o vivente que se relaciona com ele. Um morto não é um objeto real, ele é tão somente a ocasião que constantemente revela o que reside no interior do vivente que com ele se relaciona, ou que ajuda a tornar manifesto como é aquele vivente que não mantém com ele nenhuma relação.

Pois nós certamente temos deveres também para com os mortos. Se devemos amar as pessoas que vemos, então também aqueles que vimos mas não vemos mais porque a morte os levou embora. Não devemos importunar o falecido com nossas queixas e gritos, mas devemos tratá-lo como tratamos alguém adormecido, a quem não ousamos acordar, porque esperamos que venha a despertar por si mesmo. "Chora por um morto silenciosamente, pois ele alcançou o repouso", diz Sirach (22, 12); e eu não saberia caracterizar melhor a recordação que guardamos de um morto do que por esse chorar silencioso, que não se entrega a soluços momentâneos - e que logo cessam. Não, nós devemos recordar o falecido, chorar em silêncio, mas chorar por muito tempo. Por quanto tempo? Isso não se pode definir com antecedência, dado que o saudoso não pode saber exatamente por quanto tempo estará separado do falecido. Mas aquele que carinhosamente guarda a lembrança de um falecido pode apropriar-se de algumas palavras de um salmo de Davi que também fala da recordação: "Se eu de ti me esquecer, que minha direita também se esqueça de mim, que minha língua se prenda a meu palato se eu não me lembrar de ti, se não te preferir à minha mais viva alegria"; só que ele deve lembrar-se de que a tarefa não consiste em falar isto logo no primeiro dia do luto, mas sim em permanecer fiel a si próprio e ao falecido, guardando essa disposição de espírito, ainda que calando tais palavras, o que freqüentemente é preferível, por uma questão de decência e até de segurança. Esta é uma tarefa; e não é preciso uma grande experiência de vida para

ter visto o suficiente para convencer-se da necessidade que bem pode haver de sublinhar que o recordar um morto constitui para nós uma tarefa, um dever. Talvez nenhuma outra circunstância mostre melhor do que este caso quão pouco se pode confiar no sentimento humano quando entregue apenas a si mesmo. Não que aquele sentimento ou aquelas exclamações febris sejam falsas, ou seja: no momento em que o falamos, cremos no que dizemos; mas nós nos satisfazemos e saciamos a paixão de um sentimento desordenado utilizando expressões comprometedoras de tal modo que talvez, caramente haja alguém que não acabou convertendo mais tarde em mentira o que antes havia prometido sinceramente. Oh, freqüentem ente se diz que teríamos uma idéia bem diferente da vida humana se tudo o que ela esconde aparecesse à luz do dia - ai, se a morte revelasse o que ela sabe dos vivos. Que terrível contribuição a esse conhecimento do homem, que, no mínimo, não favoreceria exatamente o amor à humanidade!

Então, entre as obras do amor, não esqueçamos desta, não esqueçamos de considerar:

a obra do amor que consiste em recordar uma pessoa falecida.

A obra do amor que consiste em recordar uma pessoa falecida é uma obra do amor mais desinteressado.

Se quisermos garantir que o amor é completamente desinteressado, podemos então afastar toda possibilidade de retribuição. Mas é isto justamente o que está excluído na relação com uma pessoa falecida. Se então o amor permanece, é que ele é verdadeiramente desprendido.

A retribuição em relação ao amor pode ser muito variada. Podemos tirar uma vantagem e um ganho; e este é afinal de contas sempre o que há de mais comum, é típico da "divisa pagã" de "amamos aquele que nos retribui". Nesse sentido, a retribuição é algo de diferente do próprio amor, é algo de heterogêneo. Mas há também uma retribuição para o amor, que é da mesma natureza do amor: o amor correspondido. E tanta bondade há por certo na maioria dos homens que eles, via de regra, consideram de suprema importância essa retribuição, a da gratidão, do discernimento, da devoção, enfim, a correspondência do amor, mesmo se por outro lado eles se recusam a conceder que se trata de uma contrapartida, e por isso crêem que não se pode chamar o amor desinteressado na medida em que persegue tal correspondência. - Aquele, porém, que está morto não retribui em sentido algum.

Há, sob esse aspecto, uma semelhança entre o recordar amorosamente uma pessoa. falecida e o amor dos pais por seus filhos. Os pais amam os filhos quase antes de eles virem à existência e bem antes que se tornem consciência de si, ou seja, como não-entes. Porém um falecido é igualmente um não-ente; e esses são os dois benefícios supremos: dar a vida a uma pessoa e recordar um morto; contudo a primeira dessas obras de amor tem retribuição. Caso os pais não tivessem esperança alguma, simplesmente nenhuma perspectiva de se deliciarem um dia com suas crianças e receberem uma retribuição por seu amor – então decerto haveria ainda um bom número de pais e mães que, mesmo assim, amorosamente, tudo quereriam fazer por suas crianças: oh, mas haveria também muitos pais e mães, sem dúvida alguma, cujo amor se esfriaria. Não é nossa intenção pretender declarar sem mais nem menos um tal pai ou uma tal mãe desamorosos, não; mas o amor seria neles tão fraco, ou o egoísmo tão forte, que eles teriam necessidade dessa alegre esperança, dessa reconfortante perspectiva. E esta esperança, esta perspectiva têm no fundo a sua razão de ser. Os pais poderiam dizer entre si: "Nossa criancinha tem pela frente bastante tempo, longos anos; mas durante esse tempo todo, ela nos proporciona também alegria, e sobretudo, temos a esperança de que ela um dia recompensará nosso amor e, se não fizer nada mais, além disso, pelo

menos tornará feliz nossa velhice."

O morto, ao contrário, não traz nenhuma retribuição. Aquele que guarda sua amorosa recordação talvez também diga: "Há uma longa vida diante de mim, consagrada à recordação, mas a perspectiva é do começo ao fim a mesma, e num certo sentido não há nenhum obstáculo para esta perspectiva, já que não há nenhuma perspectiva." Que trabalho ingrato e sem esperança, num certo sentido e, como diz o camponês, que ocupação tão deprimente recordar uma pessoa morta! Pois uma pessoa falecida não cresce nem se desenvolve como a criança, voltada para o futuro: uma pessoa falecida apenas se esfarela como pó cada vez mais, rumo a uma ruína certa. Uma pessoa falecida não alegra quem a recorda como a criança alegra a mãe, não a alegra como a criança alegra a mãe quando, à pergunta sobre de quem ela mais gosta, responde: "da Mamãe"; o morto não ama a ninguém com predileção, ele parece não amar absolutamente a ninguém. Oh, é tão desanimador pensar que ele jaz tranqüilo na tumba, enquanto aumenta a saudade que temos dele, tão desanimador que não haja outra idéia de mudança a não ser a de uma dissolução sempre maior! É bem verdade, deste modo ele não dá trabalho, como pode fazê-lo às vezes uma criança; ele não causa noites de insônia, ao menos não por ser difícil - pois, coisa estranha, uma criança boa não causa noites insones, e com um morto dá-se o contrário, ele provoca noites de insônia tanto mais quanto melhor ele tiver sido. Oh, mas mesmo em relação à criança mais difícil sempre há esperança e perspectiva de retribuição pelo amor correspondido; mas um morto não retribui de jeito nenhum; quer tu por causa dele fiques insone e na espera, quer o esqueças completamente, isso parece ser-lhe totalmente indiferente.

Se então queres examinar-te e ver se amas de modo desinteressado, atenta para o modo como te relacionas com um morto. Muitas vezes, indubitavelmente o mais das vezes, a um exame severo mostrar-se-iam decerto muitas formas de amor como o de si ou egoísmo. Mas o fato é que, na relação de amor entre os vivos, pelo menos há esperança ou perspectivas de retribuição, pelo menos a recompensa de um amor correspondido; e, em geral, a retribuição também se efetiva. Mas essa perspectiva, essa esperança junto com o fato de que a retribuição se efetiva fazem com que não se possa discernir com exatidão o que é amor e o que é amor de si mesmo, pois não se pode ver claramente se a retribuição é esperada e em que sentido. Na relação com um morto, ao contrário, a observação fica muito fácil. Oh, se os homens estivessem habituados a amar com um amor verdadeiramente desinteressado, com certeza recordaríamos também os mortos bem diferentemente de como o fazemos em geral uma vez passados os primeiros momentos, às vezes bem curtos, em que expressamos nosso amor pelos falecidos com gritos e clamores desordenados.

A obra de amor que consiste em recordar uma pessoa falecida é uma obra do amor mais livre que há.

Para pôr à prova corretamente se este amor é completamente livre, podemos afastar tudo o que poderia de alguma forma coagir alguém a manifestar seu amor. Mas isso está de fato excluído na relação com uma pessoa falecida. Se então o amor permanece mesmo assim, com uma pessoa falecida. Se então o amor permanece mesmo assim, trata-se da forma mais livre de amor.

O que pode extorquir de alguém uma obra de amor pode ser extremamente diverso e não se deixa calcular. A criança grita, o pobre mendiga, a viúva importuna, o respeito obriga, a miséria violenta, e assim por diante. Mas todo amor que se exerce assim sob o efeito de uma coação não é inteiramente livre.

Quanto mais forte a coação, tanto menos livre é o amor. Isso costumamos também levar em conta em geral no que se refere ao amor dos pais por seus filhos. Quando se quer descrever direito o

desamparo e descrevê-la em sua figura mais urgente, costuma-se evocar a criancinha, deitada em todo o seu desamparo, pelo qual ela por assim dizer arranca o amor dos pais - arranca, por assim dizer, pois efetivamente só arranca o amor daqueles pais que não são o que deveriam ser. Portanto, a criancinha em todo o seu desamparo! E contudo, quando uma pessoa jaz em seu túmulo, coberta por três varas de terra, aí sim é que ela está mais desamparada do que a criança!

Mas a criança grita! Se a criança não pudesse gritar - ora, ainda assim haveria muitos pais e mães que cuidariam dela com todo amor; oh, mas decerto haveria também muito pai e muita mãe que então esqueceria, pelo menos muitas vezes, da criança. Não é nossa intenção, só por causa disso chamar um tal pai ou uma tal mãe de desamorosos; mas o amor neles seria, contudo, tão fraco, tão egoísta, que necessitaria dessa lembrança, dessa coação.

O falecido, ao contrário, não grita como a criança, ele não se introduz na recordação do mesmo jeito que o necessitado, não implora como o mendigo, não te constrange com a miséria visível e não te assalta como a viúva ao juiz: o falecido silencia e não diz uma única palavra, ele fica bem tranqüilo, não se move de onde está - e talvez também não sofra nenhum mal! Não há ninguém que importune menos um vivente do que um falecido, e ninguém é mais fácil de ser evitado do que um falecido. Tu podes deixar tua criança com terceiros para não ouvir os seus gritos, podes mandar dizer que não estás em casa para escapar às súplicas do mendigo, podes andar por aí disfarçado para que ninguém te reconheça, enfim, podes empregar em relação aos vivos numerosas precauções, que talvez não te dêem plena segurança; mas em relação a um morto não necessitas da mínima precaução, e, contudo, podes tranqüilizar-te completamente. Se alguém pretende, se pensa que tem mais proveito em seu negócio em livrar-se de um morto o mais cedo possível, pode, sem chamar a atenção e sem se expor a qualquer processo jurídico, esfriar-se quase que no mesmo instante em que o defunto esfriou. Se, apenas por causa do decoro (e não por causa do falecido), lembra-se de derramar algumas lágrimas no jornal no dia do enterro, e se apenas cuida de lhe testemunhar as últimas honras - por uma questão de decoro, então, na questão que de fato interessa, pode rir do morto - bem diante de seus olhos, eu ia dizer, mas não, pois esses estão fechados. Um morto, naturalmente, não tem mais direitos na vida; não há nenhum magistrado que tenha a ver com isso se recordas um falecido, não há autoridade que intervenha nessa relação, como às vezes na relação entre pais e filhos - e o falecido, com certeza, não dá nenhum passo para de uma ou outra maneira importunar ou pressionar. - Se então tu queres examinar se amas livremente, trata de prestar atenção à maneira como tu ao longo do tempo te relacionas com um falecido.

Se não parecesse tanto com uma brincadeira (o que porém certamente não é, a não ser para quem não sabe o que é a seriedade), eu diria que se poderia colocar sobre o portão do cemitério essa inscrição: "Aqui, não há coação", ou: "Aqui entre nós não se coage." E, no entanto, eu bem gostaria de dizê-la, eu gostaria também de ter dito isso, e mantereí o que disse; pois meditei demais sobre a morte para ignorar que aquele que não sabe, para despertar os espíritos, notem bem, utilizar a astúcia, a malícia profunda que há na morte, não pode justamente falar com seriedade sobre ela. A morte não é séria do mesmo modo como o eterno o é. À seriedade da morte pertence justamente esse singular elemento despertador, essa profunda ressonância de zombaria, que separada do pensamento do eterno é freqüentemente uma brincadeira insolente e vã, mas que aliada a esse pensamento do eterno é justamente aquilo que deve ser, e extremamente diferente da insípida seriedade totalmente incapaz de apreender e conter um pensamento que tenha a tensão igual ao pensamento da morte.

Oh, fala-se muito no mundo que o amor deve ser livre; que não se pode amar enquanto houver a mínima coação; que no que toca ao amor não se pode ser forçado de maneira alguma: muito bem; então vamos ver de fato como se passam as coisas com o amor livre - vejamos como os

mortos são recordados no amor; pois um morto não nos força de jeito nenhum. Claro, no momento da separação, quando sentimos a falta da pessoa que morreu, nós gritamos. Será esse então o amor livre tão comentado, será isso amor pelo falecido? E depois, pouco a pouco, à medida em que o morto se reduz a pó, assim também a recordação se esparrama por entre os dedos, não se sabe mais o que é feito dela, pouco a pouco nos libertamos dessa ... pesada recordação. Mas livrar-se assim dessa maneira, será esse o amor livre, será isso o amor pelo falecido? Afinal, o provérbio diz: "Longe dos olhos, longe dos pensamentos". E sempre podemos ter certeza de que um provérbio diz a verdade no que concerne a este mundo; mas uma outra coisa é que, do ponto de vista cristão, todo e qualquer provérbio é falso.

Se tudo o que dizemos do amor livre fosse verdade, ou seja, se isso acontecesse, se ele fosse posto em prática, se os homens se acostumassem a amar desse modo, então os homens também amariam os mortos diferentemente de como o fazem. Mas o fato é que, em relação a outras formas de amor humano, mais freqüentemente há algo que pressiona, senão por outra razão pelo menos pela visão cotidiana e pelo hábito, e por isso não conseguimos ver de maneira definida até que ponto é o amor que livremente sustenta o seu objeto, ou é o objeto que de uma ou outra maneira colabora pressionando. Mas em relação a um morto, tudo se torna claro. Aqui não há nada, absolutamente nada que pressione. Bem pelo contrário: o recordar amoroso de um falecido deve defender-se contra a realidade circundante, para impedir que impressões sempre novas alcancem um poder de apagar completamente a lembrança; e ainda deve defender-se contra o tempo, em uma palavra, deve salvaguardar sua liberdade de recordar contra aquilo que quer forçá-la a esquecer. E o poder do tempo é grande. Talvez não o notemos no decorrer do tempo: é porque o tempo astuciosamente nos furta um pouco de cada vez; talvez só o percebamos de verdade na eternidade, quando tivermos que passar em revista de novo e retrospectivamente as coisas com que graças ao tempo e aos quarenta anos estivemos envolvidos. Sim, o tempo é uma potência perigosa; no tempo é bem fácil começar de novo e assim esquecer o ponto onde paramos. Pois quando começamos a leitura de um livro muito grande e não confiamos muito em nossa memória, colocamos sinais: mas em relação à nossa vida toda, quantas vezes não esquecemos de marcar os momentos decisivos para conseguir notá-las bem! E então no passar dos anos ter de recordar um morto - ai, enquanto ele nada faz para nos ajudar, ou melhor - se ele faz algo, ou simplesmente nada fazendo, tudo faz para mostrar-nos quão indiferente para ele é tudo isso! No entanto os múltiplos desafios da vida nos acenam; os vivos nos acenam e dizem: Vem juntar-te a nós, nós te daremos nosso afeto. O falecido, porém, não pode acenar para nós, mesmo se tal fosse o seu desejo; ele não pode nos fazer acenos, nem nada que possa nos prender a ele; não pode mexer um dedo; ele jaz e se reduz a pó - como é fácil para as potências da vida e do instante sobrepujar alguém tão impotente! Oh, não há ninguém tão desvalido quanto um morto, enquanto que ao mesmo tempo em seu desamparo ele não exerce absolutamente a mínima pressão! E por isso nenhum amor é livre como a obra de amor que *recorda* uma pessoa falecida - pois recordá-la é outra coisa do que não poder esquecer-la no início.

A obra de amor que consiste em recordar uma pessoa falecida é uma obra do amor da máxima fidelidade.

Para examinar corretamente se o amor que há em alguém é fiel, podemos, é claro, afastar tudo aquilo com que o objeto do amor poderia de alguma maneira ajudá-lo a ser fiel. Mas tudo isso, justamente, está afastado na relação com a pessoa falecida, que não é *realmente* nenhum objeto. Se à amor ainda permanece, então ele é o mais fiel de todos. Não é raro ouvir falar da falta de fidelidade no amor entre os humanos. Um joga a culpa no outro dizendo: "Não fui eu quem mudou,

foi ele que se transformou." Muito bem. E daí? Tu mesmo permaneceste inalterado? "Não, é natural, e é evidente que eu também me transformei." Não vamos aqui esclarecer quão absurda é essa suposta auto-evidência com que é lógico que eu me transforme porque um outro se transformou. Não, nós aqui falamos da relação para com um falecido, e aqui não se poderia dizer que foi ele que se transformou. Se nesse caso uma mudança se introduziu, devo ter sido eu quem se transformou. Portanto, se queres examinar se tu amas fielmente, presta atenção à maneira como tu te relacionas com uma pessoa falecida. Mas o caso é o seguinte: é verdadeiramente uma tarefa difícil manter-se inalteradamente o mesmo ao longo do tempo; e o caso também é que os homens, mais do que eles gostam dos vivos e dos mortos, gostam sim de enganar-se a si mesmos com todo tipo de ilusão. Oh, quantos passam sua vida firmemente convencidos, e arriscariam até morrer por isso, de que se o outro não houvesse mudado, eles também teriam permanecido inalterados. Mas é verdade então que realmente cada pessoa viva permanece completamente inalterada em relação a um falecido? Oh, talvez em nenhuma outra relação a mudança seja tão sensível, tão grande quanto naquela entre uma pessoa viva e um falecido - enquanto que com certeza não pode ser este quem se transforma.

Quando dois seres vivos se apóiam mutuamente no amor, um se apóia no outro, e seu vínculo sustenta a ambos. Mas com um morto, nenhum apoio mútuo é possível. No primeiro momento posterior, pode-se dizer talvez que um se apóia no outro, uma seqüela da vinculação, e por isso também é o caso mais freqüente, o comum, que ele seja recordado nesse tempo. Mas com o correr do tempo, ao contrário, ele não apóia mais a pessoa viva; e a relação cessa se a pessoa viva não o apóia. Mas o que é a fidelidade? Fidelidade consiste em que um outro me apóie?

Ora, quando a morte introduz a separação entre duas pessoas, então a que sobrevive - fiel no primeiro momento - se compromete a "jamais esquecer o falecido". Ai, que imprudência; pois, na verdade, um morto é um homem ardiloso como interlocutor, só que sua astúcia não é como a do homem do qual dizemos "que não voltamos a encontrar onde o deixamos"; pois a astúcia do morto consiste justamente em que não conseguimos tirá-lo do lugar em que o colocamos. Freqüentemente somos tentados a crer que os homens imaginam que a um morto se pode dizer mais ou menos tudo o que se queira, considerando que ele afinal de contas está morto, não ouve nada e não responde nada. E contudo, toma cuidado sobretudo com o que tu dizes a um falecido. A um vivo, tu podes talvez tranqüilamente dizer: "A ti eu jamais esquecerei." E quando então alguns anos tiverem passado, pode-se esperar que vocês tenham ambos esquecido tudo felizmente e sem problemas - ao menos seria um caso raríssimo tu teres a má sorte de topar com um homem menos esquecido. Porém, toma cuidado frente a qualquer morto! Pois o morto é um homem acabado e definido; ele não é mais, como nós, personagem de um conto em que podemos vivenciar numerosos eventos burlescos e esquecer dezessete vezes o que lhe havíamos dito. Quando tu declaras a um morto: "Eu jamais te esquecerei", é como se ele respondesse: "Bem, podes ter certeza de que eu jamais esquecerei que tu disseste isso." E mesmo que todos os outros seres vivos te afirmassem que ele te esqueceu: da boca de um morto tu jamais escutarás isso. Não; ele fica na sua - mas ele não se *altera*. Tu não poderias dizer a um morto que foi ele quem envelheceu e que isso explica tua relação modificada para com ele - pois um morto não envelhece. Tu não poderias dizer que foi ele quem se tornou frio com o tempo; pois ele não se tornou mais frio do que era quando tu te portavas tão calorosamente; de jeito nenhum que foi ele quem ficou mais feio, razão porque tu não mais poderias amá-lo - pois, essencialmente, ele não se tornou mais feio do que quando era um bonito cadáver que, no entanto, não se presta como objeto para o amor; de jeito nenhum que foi ele quem se envolveu com outras pessoas - pois um morto não se envolve com outras pessoas. Não, quer tu então desejes recomeçar lá onde vocês se separaram, quer não, um morto recomeça com a mais

pontual exatidão justamente ali onde vocês se separaram. Pois um falecido é um homem forte, ainda que não percebamos isto nele, ele tem a força da inalterabilidade. E um morto é um homem orgulhoso. Tu não notaste que o orgulhoso, justamente em relação àquele que ele despreza mais profundamente, se aplica ao máximo para não deixar nada transparecer, para parecer completamente inalterado, fazer como se tudo não fosse nada, a fim de com isso entregar o desprezado a uma degradação sempre mais profunda - pois só àquele a quem o orgulhoso apóia ele chama a atenção com benevolência para a injustiça, para o desvio, para assim, com efeito, auxiliá-lo ao bom caminho. Oh, mas um falecido - quem consegue tão orgulhosamente quanto ele evitar transparecer absolutamente nada de seu, mesmo que despreze uma pessoa viva que se esquece dele e da palavra de despedida - um falecido aliás faz de tudo para colocar-se a si mesmo no esquecimento! O morto não se aproxima de ti apelando por tua memória; ele não te mira de passagem; tu jamais topas com ele; e se tu o encontrasses e o visses, em sua expressão facial não haveria nada de involuntário que contra a sua vontade pudesse trair o que ele pensa e julga sobre ti; pois um morto tem seu rosto em seu poder. Em verdade, nós deveríamos guardar-nos de conjurar, à maneira dos poetas, os mortos para trazê-los à lembrança: o mais terrível é justamente o fato de que o falecido em nada se faz notar. Teme, portanto, o falecido, teme sua engenhosidade, teme sua determinação, teme sua força, teme seu orgulho! Mas se tu o amas, guarda-o com amor em tua recordação e nenhum motivo terás para temer; aprenderás do falecido, e justamente dele como falecido, a engenhosidade no pensamento, o rigor na expressão, a força na inalterabilidade, o orgulho na vida, como de nenhum homem, nem do mais ricamente dotado, poderias aprender.

O falecido não se altera e não dá para imaginar nenhuma possibilidade de desculpa jogando a culpa sobre ele; ele é, portanto, fiel. Sim, é verdade; mas ele não é nada de real e por isso nada faz, absolutamente nada para vincular-se a ti, ele apenas não se altera. Ora, se uma mudança se introduz na relação entre uma pessoa viva e um morto, então é bem claro que deve ter sido a pessoa viva quem se modificou. Se, pelo contrário, nenhuma mudança se introduz, então é a pessoa viva que verdadeiramente permaneceu fiel, fiel no recordá-lo amorosamente - enquanto que, ai, ele nada podia fazer para te segurar, ai, enquanto ele fazia tudo para dar a entender que tinha se esquecido completamente de ti e daquilo que tu lhe havias dito. Pois nem aquele que realmente esqueceu o que lhe foi dito pode expressar de maneira mais rigorosa que já está esquecido, que todo o relacionamento com ele, todo o caso com ele está esquecido, melhor do que o faz o falecido.

A obra de amor que consiste em recordar um falecido é, pois, uma obra do amor mais desinteressado, mais livre e mais fiel. Vai então e exerce-a; recorda o falecido e aprende justamente assim a amar as pessoas vivas de modo desinteressado, livre, fiel. Na relação com um falecido tens a medida com a qual podes testar-te a ti próprio. Aquele que recorre a essa medida poderá facilmente encurtar a extensão das situações mais complicadas e aprenderá a repugnar todo o monte de desculpas de que a realidade logo dispõe para explicar que é o outro que é um egoísta, é o outro que tem a culpa de ser esquecido, porque ele não se faz lembrar, é o outro que é o infiel. Recordate do falecido, então, além da bênção que está inseparavelmente ligada a essa obra do amor, terás ainda o melhor dos guias para compreender a vida corretamente: que é dever amar os homens que não vemos, mas também os que nós vemos. O dever de amar as pessoas que vemos não pode cessar pelo fato de que a morte as separou de nós, pois o dever é eterno; mas, por conseguinte, o dever para com os falecidos de maneira alguma pode separar-nos dos que conosco convivem, de tal maneira que esses não ficassem objetos de nosso amor.